

O QUE PODE A ESCOLA E O CINEMA QUANDO A SALA NÃO É ESCURA? EXPERIMENTAÇÕES COM VÍDEO E PROJEÇÃO PARA LOCAIS CLAROS

WHAT CAN SCHOOL AND CINEMA DO WHEN THE ROOM IS NOT DARK? EXPERIENCES WITH VIDEO AND PROJECTION FOR CLEAR LOCATIONS

Marina Mayumi Bartalini / UNICAMP

RESUMO

A criação de procedimentos que inspirem invenções audiovisuais é uma maneira de sair da cadeira estofada do cinema escuro para colocar-se à altura do palco, da tela, deixar de ser sombra na luz da projeção para ser corpo atuante que vê, sente e se reinventa. A oficina *Para além da sala escura* consistiu em provocar professoras e professores a inventarem vídeos que foram posteriormente projetados em locais claros da escola tencionando assim a necessidade de um ambiente escuro para que se dê a experiência de especulação. As projeções experimentais são como intervenções no espaço escolar que vão se transformando quando se hibridizam com as superfícies de locais físicos da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cinema; Dispositivo de criação; Projeção.

ABSTRACT

*The creation of procedures that inspire audiovisual inventions is a way out of the upholstered chair of the dark cinema to put itself at the height of the stage, the screen, stop being a shadow in the light of projection to be an acting body that sees, feels and reinvents itself. The workshop *Beyond the dark room* was to provoke teachers and teachers to invent videos that were later projected in clear places of the school thus intending the need of a dark environment for the experience of speculation. Experimental projections are like interventions in the school space that are transformed when they hybridize with the surfaces of physical school sites.*

KEYWORDS: Education; Cinema; Creation device; Projection.

Projetar em clareza - breve relato de experimentação

Com um projetor portátil fomos caminhando pela sala enquanto projetávamos os vídeos em distintas paredes, objetos, teto e chão. Enquanto *passeávamos* com o projetor, as professoras/es diziam: "Projeta lá!", "Projeta ali", "Projeta naquela caixa", "Projeta no tubarão". O projetor portátil ia passando de mão em mão e os vídeos iam sendo escolhidos conforme se encontravam locais interessantes que pudessem se recombinar com as superfícies de locais da escola¹: bancos, areia, troncos, paredes, plantas, cortinas, tatame, lousa e até mesmo corpos receberam imagens que iam se transformando conforme encontravam novas superfícies. Nesse momento, alguém disse: "Nossa, agora o corpo dela é uma tela"². Eis que alguém soltou a pergunta que acabou por finalmente inaugurar outros tipos de cinemas inesperados para locais claros: "Vamos projetar lá fora?"

Uma das professoras aproximava e distanciava o projetor do chão formando multitelas de diversas formas e tamanhos. Ora as imagens se distorciam em pequenas formas de trapézios, ora voltavam à forma retangular. O projetor-corpo caminhava a passos lentos, formando novas telas que transitavam fantasmagoricamente pelos espaços por onde o grupo caminhava. Tanto as filmagens³ quanto as projeções⁴ atuaram nos corpos fazendo-os entrar em interação com as demais trajetórias inumanas que compunham aquele lugar. Fazendo com que tudo ali produzisse devires outros: outros objetos, outros corpos, outras imagens, outro lugar...

Foi interessante observar a saída dos projetores para fora de seu local habitual: da sala para o pátio. Eram como projetores com pernas que caminhavam em busca de superfícies interessantes que pudessem receber os vídeos em toda sua diversidade de cores, texturas e formas. A mobilidade dos projetores possibilitou outras práticas de exibição de cinema.

Notamos uma grande diferença na mobilidade dos corpos que carregavam o projetor portátil e os que carregavam o projetor com fio de extensão de 35 metros. O grupo que estava com projetor portátil tinha mais mobilidade para projetar (quase que ilimitada) e ainda que a projeção contasse com menos *lumens*, era mais fácil fazer projeções de telas pequenas sobre as superfícies escolhidas. Enquanto o projetor grande, próprio para projeções de tamanho maior, deixava as imagens difusas sobre

BERTALINI, Marina Mayumi. O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? Experimentações com vídeo e projeção para locais claros. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3067-3079.

as superfícies.

Diferentes projetores, diferentes projeções, diferentes superfícies atravessadas pelas claridades da luz do dia!

As cores dos vídeos iam se transformando ao comporem com outras superfícies de cores e texturas diferentes. Eram como camadas sobre camadas de imagens que iam se formando e se transformando conforme os projetores se movimentavam.

Alguns vídeos foram selecionados conforme os locais iam se apresentando no percurso caminhado pelas/os participantes. Ora eram as imagens que "escolhiam" os locais, ora eram os locais que pediam determinado tipo de imagem. Alguém disse: "Esse vídeo é muito marrom para ser projetado nesse chão cinza. Vamos escolher outro". Os vídeos e todas suas características estéticas tinham que dobrar-se sobre a superfície e nessa hibridização de camadas, criavam-se novas imagens por meio da recombinação, da sobreposição e da mistura com determinada materialidade do local escolhido.

Oficina Para além da sala escura

Por meio da presença da pesquisadora em seu campo de ação, foram cartografadas as produções audiovisuais geradas durante o encontro entre câmera, escola, professoras, professores, direção, estudantes e claridades locais. Nossa chegada promoveu encontros, negociações e outras possibilidades de cinema criadas a partir da proposição de dispositivos de criação.

A oficina *Para além da sala escura* aconteceu entre agosto e novembro de 2017. As oficinas consistiram em provocar cada participante a inventar vídeos que foram posteriormente projetados em locais claros da escola por meio de dois projetores (um portátil e outro com fio) que circulavam pelas áreas externas do prédio escolar. A projeções experimentais são como intervenções no espaço escolar que vão se transformando quando se hibridizam com as superfícies de locais físicos da escola. Todos os locais podem (ou não) entrar em devir-tela. Buscou-se assim, provocar professoras/es para a exploração de possíveis locais que pudessem instaurar novas práticas de exibição para as produções audiovisuais que foram criadas durante as oficinas. O intuito era atentar para as claridades da escola que não só abrem brechas para que a observemos pelo viés da arte (que nos faz ver o inusitado, o

incomum) como também provocam uma fissura nas maneiras convencionais de produzir/exibir filmes na escola.

O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? é a pergunta que motivou a oficina e as possíveis respostas vieram conforme íamos observando as nuances de claridade e escuridão de locais da escola que são cotidianamente habitados pelas/os que ali trabalham/estudam/convivem. A existência de claridade na maioria dos locais da escola, desafia a exibição de produções audiovisuais, pois, quando instituídas dentro da lógica do cinema tradicional, dependem do contraste com a escuridão. O ato de criação de imagens cinematográficas a serem exibidas em locais para além da sala escura tenciona a necessidade de um ambiente escuro para que o cinema se realize como espectação.

As oficinas contemplaram uma metodologia que vem sendo desenvolvida por outros projetos⁵ e grupos de pesquisa de universidades que estão investigando as relações entre cinema e educação no âmbito da Lei 13.006/14. O método consiste em ver uma produção nacional, produzir um vídeo a partir de dispositivos de criação disparados pela obra assistida e conversar coletivamente sobre as produções realizadas.

Dessa forma, as produções nacionais selecionadas para serem mostradas às/aos participantes tinham o intuito de inspirar e provocar a criação de novos filmes que trouxessem em sua feitura, a relação entre luzes e sombras em diversos aspectos estéticos e técnicos da linguagem cinematográfica.

Os vídeos-provocaçã⁶ eram exibidos no início de cada encontro sem nenhuma informação prévia, para que assim fossem contemplados em sua totalidade, sem interferência de discursos de qualquer natureza acerca do que se via e se escutava. Cabia a cada integrante, após a exibição, fazer (ou não) comentários sobre o que acabavam de ver. Muitas vezes esses atravessamentos só se faziam presentes nas novas imagens produzidas por elas/es, dispensando a necessidade de colocar em palavras o que foi visto e sentido.

A exibição de vídeos e fragmentos de filmes facilitou a diluição da narrativa linear dos filmes em que as imagens e sons se apresentam em função de uma

BERTALINI, Marina Mayumi. O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? Experimentações com vídeo e projeção para locais claros. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3067-3079.

estória narrativa de começo, meio e fim, como estamos habituados a ver nos filmes comerciais. Ao instigarmos a criação audiovisual pautada em seus elementos estéticos, abríamos caminho para a passagem de outras visualidades mais abertas quanto à possibilidade de interpretação. Ao escaparmos de ilustrar com imagens e sons um determinado enredo, roteiro, texto ou ideia foi possível que nos ativésemos mais especificamente aos elementos técnicos e estéticos daquilo que filmamos e assim deixamos para as/os espectadoras/es as sensações, interpretações possíveis para nossas produções.

Os filmes, além de terem sido produzidos a partir da observação das luzes e sombras presentes no local onde se desejasse filmar, também tinham que ser produzidos com a intenção de posteriormente, serem exibidos em locais da escola que são naturalmente claros e serem experimentados como projeções em diversas partes, internas e externas, para vermos que imagens poderiam ser recombinadas com a superfície de determinados locais e formar outras mais. Essa maneira de pensar o cinema, instaura desvios na típica maneira de exibição que conta com a permanência de um lugar fixo e escuro para exibição de filmes. No caso da escola, a tela branca para projeções pendurada numa das paredes da sala de vídeo seria esse lugar fixo não foi o único local utilizado para a exibição de filmes. Descobrimos junta/os outros locais possíveis que implicassem também os corpos daquelas/es que vissem aquelas projeções: embaixo da mesa, no teto, nas folhas do jardim, nos troncos das árvores, nas poças d'água, entre outros locais...

A escola como lugar da experimentação

A escola, assim como o cinema, pode ser um lugar profícuo de experimentação e criação, portanto, é lá o lugar selecionado para a acolhida de nosso projeto experimental de invenção de filmes.

Se tradicionalmente a escola é o lugar da prevalência de narrativas únicas capturadas pelo discurso, pelos livros didáticos, pelas regras feitas muitas vezes sem a participação de todas/os envolvidas/os na comunidade escolar, queremos então atuar desde dentro dela, com tudo o que ela já traz, agregando uma trajetória mais, no caso, o cinema com todo seu potencial de aglutinação de coletividades heterogêneas. Se a escola é o lugar por excelência da linguagem escrita, a linguagem audiovisual ao ali adentrar com uma proposta experimental, poética e

inacabada pode fazer variar as formas de expressão, maneiras de sentir e dizer para além da palavra e dos discursos já capturados pela instituição educativa. Lidamos também com a obrigatoriedade de uma lei que, uma vez regulamentada, decretará e definirá certos parâmetros para a entrada do cinema na escola. A lei federal 13.006/14⁷, obrigará que todas as escolas brasileiras de Educação Básica tenham minimamente duas horas de exibição de cinema nacional mensais como componente complementar, integrado ao planejamento pedagógico da escola. Superficialmente, a lei se apoia em um discurso que busca na escola uma maneira de difundir produções audiovisuais nacionais, formando espectadores, para assim, fomentar a indústria cinematográfica do país. Estamos criando uma via de leitura da lei que aproveite as brechas entre o dito e o não dito de seu decreto cru e determinante para que possamos pensá-la a partir da potência de criação de cinemas possíveis na escola e não pelo viés de consumo. Para tanto, resolvemos entender a escola como o lugar da produção de um cinema criado pelas/os que ali habitam, criando possibilidades de invenção de novos mundos que poderão surgir nas imagens e sons daquele determinado lugar.

As imagens e sons produzidos podem (ou não) fazer emergir novas formas de cinema, assim como instaurar percepções da escola para além daquelas já instituídas por um modelo estatal, pelo currículo, pelo hábito, pela rotina.

Uma pergunta frequente dos envolvidos nesse recente processo é questionar com que recursos o cinema entrará na escola. A lei não prevê um investimento público para adequar as escolas para que os filmes sejam exibidos em sala escura. Tampouco se fala em suprir as necessidades técnicas como aparelhos de projeção, telas, poltronas, ambiente isolado acusticamente, entre outras coisas que fazem parte da arquitetura do cinema tal qual o conhecemos. Para escapar da sala escura dos cinemas convencionais, uma vez que a escola tem nuances variadas de claridades, nessa experimentação buscamos inventar maneiras de exibição que levaram em conta as especificidades do lugar-escola para assim fazer funcionar um cinema antes inimaginável, uma vez que todos locais passam a ser passíveis de receberem imagens projetadas.

BERTALINI, Marina Mayumi. O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? Experimentações com vídeo e projeção para locais claros. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3067-3079.

Sendo assim, o cinema se dá com o que estiver disponível. A perspectiva da falta é uma das portas de entrada do cinema na escola. A ausência de equipamentos e espaço físico adequado para a exibição de filmes em sala escura é tomada não como obstáculo, mas como um desafiante processo de inventividade. No mesmo sentido, as câmeras que produzem esse cinema comprometido com o lugar-escola, são acessíveis à uma grande parte da população: as câmeras dos celulares (de qualquer tipo e tecnologia) podem ser manuseadas por qualquer uma/um que queria aventurar-se na criação de novos filmes.

A possibilidade de realização dessa experimentação se deu efetivamente quando, em 2016, foi instituído no município de Campinas-SP, o "Programa Cinema & Educação - A Experiência do Cinema na escola de Educação Básica Municipal". Esse Programa conta com a colaboração do grupo de pesquisa ao qual a pesquisadora da presente investigação está vinculada, Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO da Faculdade de Educação da Unicamp, que dedica-se, entre outras áreas de interesse científico e artístico, ao estudo da relação entre imagem e escola. Em colaboração direta com o Programa acima referido, parte das pesquisadoras e pesquisadores desse grupo, atuam na formação de professoras, professores e estudantes de escolas da rede pública de Campinas.

A formação de professores por meio de oficinas de cinema em escolas da cidade tem sido, desde então, o contexto educacional onde se dão os encontros e onde se lida com uma ideia de cinema que é prática artística e social realizada por meio de experimentações com câmeras através de inúmeros dispositivos de criação.

Se pensarmos que a maioria das escolas da rede pública do país não conta com sala de vídeo equipada e adequada aos moldes do cinema comercial, a lei traria um problema para a escola que teria que construir uma sala com iluminação adequada para a exibição de filmes.

Ao sugerirmos a invenção de imagens para locais que não estão construídos para receberem projeções de cinema, inverte-se o problema, criando assim uma questão para o cinema, o qual não terá respostas simples, já que os ambientes escolares são atravessados por claridades naturais que passam por suas grandes janelas,

portas e portões e/ou pelo circuito de iluminação interna em que as salas de aula se mantêm acesas simultaneamente de dia e de noite.

A claridade bastante presente nos espaços escolares atua como o “problema” da presente investigação. Um “problema” é aquilo que nos leva a pensar; nesse caso, pensar o cinema e seu encontro com a escola através das diversas nuances de iluminação ali presentes.

Através da observação atenciosa de aspectos locais, antes talvez despercebidos pelas/os que estão imersos no cotidiano escolar, é que buscamos experimentar com as distintas iluminações descobertas que têm potência de fazer emergir, em imagens e sons, trajetórias humanas e não-humanas presentes na escola. Pensar o não humano na escola é uma maneira de colocar à vista aspectos que também a constituem para além das relações entre as pessoas que ali habitam. A arquitetura escolar, as paisagens, as árvores, os brinquedos, as janelas, cortinas, o chão de terra, o chão de concreto, as grades também nos constituem, já que tudo compõe o lugar sempre em movimento de transformação contínuo e inacabado.

O conceito de lugar que nos ajuda a pensar nas possibilidades diversas de encontros entre distintas trajetórias está em sintonia com os conceitos da geógrafa Doreen Massey (2013). A escola enquanto lugar não é um ponto fixo no mapa e muito menos um refúgio, apartado do mundo, onde se dão experimentos artísticos. A escola enquanto lugar aberto e inacabado, está sempre por fazer-se, por associar trajetórias heterogêneas e constelar processos aqui e agora.

A possibilidade de fazer variar a imagem produzida em contexto escolar, tem sido experimentada em paralelo com o entendimento da escola como um lugar atravessado por "pluralidades de trajetórias, uma simultaneidade de estórias-até-agora" (MASSEY, 2013, p.33) e onde acontecem potencialmente encontros em diversos níveis, aspectos e tempos.

As trajetórias que ali se entrecruzam simultaneamente sempre a indicar um futuro aberto não se dão pela via de planejamentos fechados e sistemáticos. Somente podem configurar-se como uma constelação de trajetórias temporárias que duram enquanto determinado encontro faz sentido. O encontro entre pessoas, câmeras e

locais escolares, assim como as possíveis produções audiovisuais que possam vir a surgir, permitem a abertura para conexões que acontecem "nesse lugar inter-relacional, onde sempre há conexões ainda por fazer, justaposições a desabrochar em interação [...], relações que podem ou não serem realizadas"(MASSEY, 2013, p.32).

Nossa participação no encontro do cinema com a escola é processual e portanto, visa apenas promover aberturas para conexões que ali se dão (ou não) enquanto lugar de negociação que conforma uma coleção de trajetórias que a configuram como lugar vivo, aberto, repleto de diferenças e heterogeneidades.

Na escola já existem diversas trajetórias de câmeras de vários tipos. Os celulares e câmeras digitais estão bastante presentes nos contextos escolares. Imagens são registradas e compartilhadas todo o tempo por meio das câmeras acopladas aos aparelhos telefônicos, assim como as vozes gravadas inúmeras vezes ao dia em forma de mensagens enviadas por meio de aplicativos de comunicação. O uso cotidiano do celular é bastante comum tanto por estudantes, como por professoras e professores.

Ao instaurarmos outros usos das câmeras na escola, para além dos convencionais, fizemos um desvio de sua função de registro de eventos escolares e passamos a conhecer outras maneiras de filmar para que assim se tornassem ferramentas artísticas capazes de revelarem outras escolas que pudessem ser descobertas pelo olho da câmera, seus enquadramentos, aproximação e distanciamentos com o *zoom*, além de seu poder de gravar para que possamos ver quantas vezes queiramos as imagens que produzimos e projetar de inesgotáveis maneiras.

É pelo uso das mesmas câmeras que tiram *selfies*, que registram momentos para serem compartilhados nas redes sociais que inserimos outras trajetórias para outros usos das câmeras de celulares que podem configurar um novo cinema que ainda não sabemos bem qual é. Estamos todas/os descobrindo juntas/os através de nossas próprias produções.

As imagens da arte não fornecem armas de combate. Contribuem para desenhar configurações novas do visível, do dizível e do pensável e, por isso mesmo, uma paisagem nova do possível. Mas o

fazem na condição de não antecipar seu sentido, seu efeito.
(RANCIÉRE, 2012, p.100).

O encontro da câmera com o mundo por meio de propostas experimentais para a criação de novas imagens e sons podem produzir estranhamentos, incômodos, surpresas e assim dar passagem para que coisas dele mesmo possam vir a surgir. As escolas públicas da cidade de Campinas, talvez possam ser lugares que extrapolem as visões pré-concebidas que temos acerca dela e que vêm repentinamente à nossa cabeça quando pensamos nelas: seus muros altos, alambrados, cadeados, portões, concreto branco acinzentado das paredes, uniformes escolares...

Pode-se dizer que o que se "aprende" ou melhor, o que se "apreende" são coisas que já estão no mundo e que são filmadas por meio de uma maneira de ver que não busca pontos de chegada que visem produções anteriormente idealizadas por meio de roteiros escritos. Queremos ver o novo que ainda não conhecemos e que talvez, o olho da câmera possa nos mostrar.

Quando o que se interpõe entre esse mundo e nós é uma câmera, o mundo, habitualmente, nos surpreende. Produz-se um estranhamento, uma vivência quase virginal do olhar. Até o velho mundo parece novo, bem mais novo. Essa experiência nos traz um saber, mas não um saber a ser ensinado, e sim a ser construído no gesto de enquadrar e registrar esse olhar (FRESQUET, 2013, p.103).

O pulsar do botão que passa a gravar luzes refletidas em coisas do mundo que sempre estiveram lá mas que talvez, antes fossem invisíveis ao olhar mais habitual, leva-nos a conhecer/reconhecer os locais cotidianos que nunca estão fixos.

Ao ligarmos a câmera, escolhermos um enquadramento e mostramos o que ali acontece. Transformamos aquele pedaço de mundo em imagens e sons materializados em bytes que ao serem decodificados por aparelhos capazes de projetá-los, atualizam o que foi gravado para fazerem parte de um universo de sentidos possíveis no presente.

Os mesmos corpos (que dia após dia entram pelo portão de alambrado azul às sete da manhã e saem às treze horas) quando guiados por propostas não convencionais de filmagem/projeção podem talvez, revelar intensidades que antes, talvez vissem/sentissem, mas que ainda não tivessem se tornado matéria de expressão.

Estamos apostando no encontro da câmera com o mundo a partir do uso de dispositivos de criação. Os dispositivos de criação atuam na invenção de imagens e sons que podem produzir estranhamentos, incômodos, surpresas, ambiguidades que além de fazerem emergir produções audiovisuais não roteirizáveis, dão passagem para que coisas do mundo (escolar) possam vir a surgir. A utilização de dispositivos de criação audiovisual é tanto mais eficiente quanto ela abre possibilidades de encontros entre corpos e objetos, criando efeitos que não podem ser sequer imaginados antes do dispositivo entrar em ação (MIGLIORIN, 2005, s/página).

O dispositivo é uma crise, um procedimento, uma regra a seguir. Ao fixar uma linha dura para um processo de criação abrem-se caminhos que podem fazer surgir inúmeras linhas flexíveis e de fuga. O dispositivo seria então "a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes: e outra de absoluta abertura" (MIGLIORIN, 2015, p.79).

O trabalho com os dispositivos⁸ na escola acaba por criar desvios na imagem e sons que podem vir a trazer outras maneiras de ver a escola e o cinema a partir de pontos de vistas inusitados, já que esse processo inventivo permite que criemos deixando que nos atravessemos por aquilo que nos cerca, ao mesmo tempo que nos impede de reproduzir clichês que nos dão o hábito da televisão e do cinema comerciais. O dispositivo, nesse sentido, atua tanto como indicador de alguns gestos a serem realizados – linhas duras – quanto promovem rupturas e desvios dos gestos habituais de uso das câmeras justamente ao estabelecer regras fixas para a captura das imagens, mas deixando todas as demais decisões para o filmador – linhas flexíveis ou de fuga.

Pode ser que, por exemplo, a regra seja pendurar uma câmera por um cadarço no pescoço ou quem sabe prende-la num boné e sair pela cidade filmando o céu ou ainda deixar a câmera parada em um plano fixo que capta tudo o que passa diante dela, como é a proposta do dispositivo "Minuto Lumière"⁹.

O mundo é indisciplinado e a regra – linha dura – neste caso não é uma maneira de ordena-lo. A regra vem para criar exigências de outros modos de atenção para a

BERTALINI, Marina Mayumi. O que pode a escola e o cinema quando a sala não é escura? Experimentações com vídeo e projeção para locais claros. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3067-3079.

realidade, promovendo aberturas que possibilitem a passagem de outros enquadramentos, “outras luzes”, que se refletem em objetos, pessoas e coisas quaisquer. Por essas frestas passam também sons ou às vezes, silêncios. Nesse sentido as imagens não ilustram ideias. São autônomas para expressar o que a palavra não dá conta de conta e de descrever.

Considerações finais

O cinema, pensado aqui como via de passagem para multiplicidades de sensações que possivelmente possam constituir filmes, pode adentrar à escola ampliando as potencialidades de outros cinemas que poderiam nela aportar. A escola parece ser um interessante lugar para que o cinema pule o muro da sala de exibição e adentre outros territórios que possam fazê-lo mutante e adaptável à múltiplos locais para além dos já convencionais dentro mesmo da própria escola.

Ainda que existam similaridades entre a arquitetura da escola e do cinema quanto à aparente ideia de domesticação dos corpos explicitada pelos locais adequados para que os mesmos se acomodem em cadeiras e mantenham-se parados e em silêncio, apostamos na possibilidade de fazer funcionar um cinema na escola que faça os corpos, as imagens e os sons, escaparem da caixa preta teatral do cinema, assim como da sala de aula, para "passearem" e misturarem-se à arquitetura escolar que se coloca à disposição para receber possíveis projeções inusitadas, e assim, toda a escola poderá ser uma tela de cinema.

Trata-se de pensar numa lógica inversa à hegemônica ideia de produção cinematográfica atrelada ao consumo, em que foca-se na multiplicidade de fruições possíveis para os filmes criados coletivamente para locais que não necessariamente possuem isolamento acústico e de luzes que possam influenciar a projeção dos filmes. Os filmes criados na escola terão que lidar com as especificidades físicas da mesma e são os aspectos inerentes à tudo o que existe na escola, humanos ou não humanos que influenciarão sua produção.

Criar procedimentos que inspirem invenções audiovisuais é uma maneira de sair da cadeira estofada do cinema escuro para colocar-se à altura do palco, da tela. Deixar de ser sombra na luz da projeção para ser corpo atuante que vê, sente e se reinventa.

Notas

- ¹ A escola municipal Centro de Educação Infantil Agostinho Pattaro está vinculada ao Programa Cinema & Educação A experiência do Cinema na Escola de Educação Básica da Secretaria Municipal de Educação do município de Campinas - SP.
- ² Aline Caetano Begossi, professora da escola, filmou o momento dos experimentos descritos acima. Registros disponíveis em: <https://vimeo.com/238348034> e <https://vimeo.com/237241969>
- ³ Vídeos disponíveis em: <https://marinamayumi.wixsite.com/paraalemdasalaescura/inicio>
- ⁴ Projeções disponíveis em:
<https://marinamayumi.wixsite.com/paraalemdasalaescura/mapa-das-projecoes-intervencao>
- ⁵ O Projeto "Inventar com a diferença" acontece desde 2014 e aposta na relação entre cinema e direitos humanos por meio de oficinas de experimentação com o cinema por todo o país. Site do projeto: <http://www.inventarcomadiferenca.org>
- ⁶ Refiro-me aos vídeos que vemos no início de cada oficina e que são os disparadores audiovisuais para as produções do dia. Optei por chamá-los assim para diferenciá-los dos vídeos que produzidos pelas/os participantes.
- ⁷ A Lei 13.006/14 foi sancionada em 26 de junho de 2014. Ver em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13006.htm
- ⁸ Esse trabalho já vem sendo desenvolvido pelo Projeto "Inventar com a diferença" desde 2014 e tem sido acrescido por outros projetos e experimentações realizadas pelo Brasil afora, como ocorre nas variadas oficinas criadas e executadas no âmbito do Programa "Cinema & Educação-A Experiência do Cinema na escola de Educação Básica Municipal". Cezar Migliorin (2015) nos conta sobre as experiências do Projeto já que é um de seus organizadores. Site do projeto: <https://www.inventarcomadiferenca.org/>
- ⁹ O Minuto Lumière é um dispositivo de criação aplicado por Alain Bergala, teórico do cinema, diretor e professor de Cinema na Universidade de Paris III, em aulas de cinema de escolas na França. Consiste na filmagem de *takes* de 60 segundos com câmera fixa em condições semelhantes aos primeiros filmes do cinema, realizados pelos Irmãos Lumière.

Referências

- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- MIGLIORIN, Cezar. *O dispositivo como estratégia narrativa*. Revista Acadêmica de Cinema nº3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *Inevitavelmente Cinema: Educação, política e mafuá*. 1ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

Marina Mayumi Bartalini

Artista Visual e Professora de Artes graduada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Artística. Mestre em Educação pela Unicamp. Doutoranda Faculdade de Educação da Unicamp no Grupo OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais com orientação do Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira. Atualmente trabalha com formação de professores da rede municipal de Campinas no Programa Cinema & Educação: A experiência do cinema na escola de educação básica. Página web: marinamayumi.com